

AS RELAÇÕES DE CLASSE E GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO NO ESTADO DO MARANHÃO¹

Maria Mary Ferreira *
Marcos Aurélio Pereira Veiga**
Rafaela Pereira Teixeira***
Raimunda Lima Evangelista****

Resumo: Estudo sobre mercado de trabalho do profissional bibliotecário (a) no estado do Maranhão. Analisa as relações de classe e gênero na profissão, onde esse estudo é parte do projeto de pesquisa “*Mercado de trabalho para o profissional da informação (bibliotecário) no estado do Maranhão*”, desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial de Biblioteconomia – PET, que objetiva estudar a organização profissional e sua relação com as demandas do mercado, haja vista a necessidade de pensar um projeto político-profissional que eleve à categoria do/a bibliotecário (a) a condição de sujeito político capazes de transformar a realidade do seu ambiente de trabalho. Tivemos como foco nesse estudo as relações de trabalho nas economias capitalistas; as relações desiguais que se instauram nesse modelo econômico; e a análise dos salários percebidos pelas/os profissionais bibliotecárias/os onde a sua grande maioria são mulheres. Apresenta dados em que são evidenciadas as relações de classe em uma profissão que ainda não alcançou status nem reconhecimento dado os péssimos salários dos bibliotecários. Para a construção metodológica desse trabalho tivemos como base, fontes bibliográficas impressas e eletrônicas tendo como embasamento autores: Marx; Ferreira, sites dos sindicatos e associações; Silva; Mauriel, entre outros; e dados do instrumento de pesquisa (questionário), aplicado com os profissionais egressos do período de 1997-2010.

Palavras-chave: Mercado de trabalho. Relações de Classe e Gênero. Maranhão.

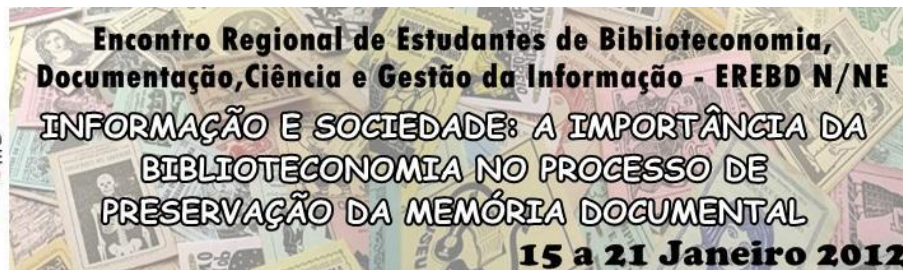
¹Comunicação Oral apresentada ao GT n°6 – tema livre

*Universidade Federal do Maranhão prof. Drª em Sociologia.mmulher13@hotmail.com

** Universidade Federal do Maranhão Graduando em Biblioteconomia. marcosbac11@hotmail.com

***Universidade Federal do Maranhão Graduando em Biblioteconomia. rafinha.russo@hotmail.com

****Universidade Federal do Maranhão. Graduando em Biblioteconomia. leidyevangelista@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

A última década o Brasil passou por várias transformações, tendo como conseqüências mudanças na estrutura do estado no qual o governo ajustou melhor o serviço público às necessidades da sociedade a partir da abertura de concurso público diminuindo dessa forma o déficit neste setor. Além disso, as ações implementadas pelo governo ampliando o setor produtivo operaram mudanças substanciais na medida em que abriram-se novas frentes no mercado de trabalho, originando novos desafios e novos perfis para o mercado de trabalho, e ocasionando avanços significativos na ciência e tecnologia, provocando mudanças no setor educacional, econômico e político, tendo a informação adquirido elevado grau de importância.

No Estado do Maranhão, porém, as mudanças foram ínfimas, haja vista os indicadores sociais recentemente divulgados que mantêm este Estado em situação de extrema vulnerabilidade em relação a grande parte dos Estados brasileiros. Os maranhenses, de acordo com o censo de 2000 era de 5.651.675 maranhenses a maior parte deles vivem em condições de vida precária e muitos em situação de extrema miséria, em virtude do analfabetismo e dada a falta de qualificação adequada as novas exigências de mercado, reflexo de um sistema educacional ineficiente, e de uma sociedade desigual, onde muitos cidadãos não tem acesso ao ensino superior.

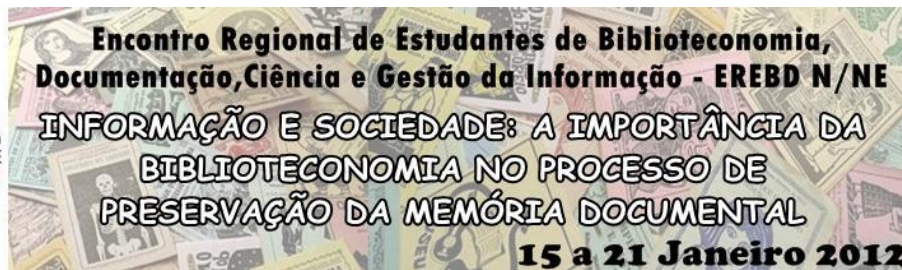
Neste contexto, o bibliotecário/a torna-se um/ a profissional importante no processo de desenvolvimento da sociedade. Para tanto é necessário entender como este se comporta no mundo do trabalho vigente. O estudo ora apresentado se propõe discutir esses problemas a partir de questões como gênero e classe tendo o salário como ponto de reflexão deste enfoque que serão abordadas neste trabalho com o intuito de refletir como essas relações influencia nas condições de trabalho do profissional bibliotecário no Maranhão.

Este trabalho é parte da pesquisa mercado de trabalho do profissional bibliotecário no Maranhão desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial – PET Biblioteconomia com o objetivo de estudar as relações do mercado de trabalho para o profissional bibliotecário no Estado do Maranhão no período de 1997 a 2010, analisando suas articulações e organização política, as demandas do mercado, as relações de gênero e os mercados reais e potenciais disponíveis.



É um estudo que caracteriza-se como quantitativo e qualitativo cujos dados foram coletados por meio de questionários com questões fechadas e abertas, a pesquisa parte de um mapeamento do quadro de bibliotecários no Estado em seus respectivos campos de trabalho, que possibilitaram as análises da relação direta entre formação acadêmica, satisfação com o trabalho, questão salarial e relações de gênero evidenciando a sua contribuição no desenvolvimento da sociedade maranhense.

Com base no questionário aplicado junto à classe bibliotecária com amostragem de 29 pessoas, focamos os dados coletados relacionados à jornada de trabalho, gênero e informações salariais. As categorias de análise que nortearam as reflexões foram classe e gênero a partir das reflexões de Kon (2002), Campos (2007) e Ferreira (2010, 2003) e diversos autores que contribuírem para ampliar nossos olhares sobre o fenômeno estudado.



2 AS RELAÇÕES DE CLASSE E GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO BIBLIOTECÁRIO NO MARANHÃO

A discussão em torno destas duas categorias de análise é importante para compreender como se dão os processos de exploração do ser humano no mundo do trabalho, reflexo do modelo capitalista que vivenciamos. Bibliotecários, porém, não costumam criticar esse modelo dado os processos de alienação que contribui para que grande parte das categorias de nível superior não estabeleçam nexos entre os baixos salários e a exploração da sua força de trabalho. Situação semelhante é percebida no debate em que envolvem questões de gênero, considerado um conceito estratégico para entender as relações de dominação submetidas às mulheres e em especial as bibliotecárias.

2.1 Classe e Gênero: como refletir sobre essas categorias no mundo do trabalho

A sobrevivência do ser humano depende de sua satisfação material o que se subtende alimentar-se, vestir-se, morar, amar, etc. De acordo com Marx (1985, p.153 apud COLMÁN; POLA, 2009): “O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas [...]”.

O surgimento do trabalho em sua essência é vista a partir da história desde o processo de formação do homem. Ao buscar formas de sobreviver homens e mulheres foram desenvolvendo potencialidades com a criação de instrumentos que pouco a pouco foram qualificando seu modo de viver rudimentar na qual sua força muscular era a sua única forma de garantir os recursos necessários para a sua sobrevivência. Posteriormente o homem começa a desenvolver a arte de manusear com metais melhorando as suas ferramentas agrícolas provocando importantes mudanças sociais.

O capitalismo surge na passagem da idade média à idade moderna em meados dos Séculos XIII e XIV a partir do nascimento da burguesia, que se impõe social e politicamente a partir do controle dos espaços de produção e da força do trabalho humano que lhe garante o lucro a partir da exploração dos trabalhadores. Do trabalho manual ao trabalho manufaturado e dele ao industrial, homens e mulheres foram vendendo sua força de trabalho em troca de



salários que em geral não representava o valor do seu esforço diário. Assim foram se perpetuando as relações de exploração no mundo do trabalho denunciado nos estudos de Karl Marx. É este autor que desnuda com suas teorias o sentido do trabalho e demonstra como se dão os processos de exploração e conseqüentemente de acumulação, princípio que norteia as sociedades capitalistas.

A sociedade capitalista foco principal das teorias de Marx, desde sua emergência vem se instaurando como modelo, uma vez que mesmo considerando a formação de outros modelos de sociedade a exemplos do comunismo no leste europeu, entretanto, o que predomina na atualidade é uma sociedade marcada pela força do capital que ao longo de sua consolidação produziu duas classes antagônicas: classe capitalista ou burguesa e classe proletária ou trabalhadora. Mesmo considerando as mudanças que a sociedade vem empreendendo ao longo dos séculos essas duas classes sociais dividem o mundo e gera os conflitos sociais.

Na sociedade capitalista o trabalho sempre foi considerado como uma mercadoria, por essa razão a classe trabalhadora passou a se submeter em um primeiro momento a chamada burguesia, hoje denominada de capitalistas. É para ela que o trabalhador vende sua força de trabalho, que representa o valor da força de seu esforço diário e deve suprir as necessidades de cada trabalhador a fim de garantir sua subsistência, enfatiza Karl Marx.

É nas sociedades capitalista que emerge as classes sociais. O conceito de classe é visto por Karl Marx como histórico. “Para ele, as classes são determinadas historicamente e produtos da sociedade em questão. Porém, as classes sociais propriamente ditas são relacionadas à sociedade moderna, que advém da Revolução Industrial. Sendo assim, para Marx, as classes são produtos da sociedade capitalista”. (DIÉGUEZ, 2008).

Ao pensar a sociedade e as dinâmicas que a compõem observa-se que esta criou divisões, cisões e antagonismos que perpassam gerações. Somos uma sociedade de classe acirrada pela falácia da globalização que ampliou o fosso entre países ricos e pobres, embora tenha ampliado espaços para a formação dos chamados países emergentes entre os quais se inclui o Brasil.

As sociedades de classe como mencionamos é formada a partir das relações mediadas pelo capital que se constitui o ponto central dos processos de exploração gerador dos conflitos e das classes sociais antagônicas. Se a classe se fundamenta nas relações de



capital. As relações de gênero por sua vez são construídas socialmente e se articulam no mundo político a partir da cultura patriarcal. Mesmo considerando a ação política dos movimentos feministas, o patriarcado permanece e se metamorfoseia na contemporaneidade através de mecanismos que se articulam na cultura política, reflexo de um mundo cujos conflitos e antagonismos ainda não encontraram formas de superar as desigualdades que impõe a mulher uma posição de subalternidade.

Essas desigualdades são perfeitamente visíveis nos processos decisórios que tem no exercício do poder um caminho para projetar novas formas de compreender as relações de gênero. Embora mudanças tenham ocorrido nas últimas décadas no Brasil, basta ver a universalização de grande parte das políticas: direito à saúde, combate à violência, educação de gênero que hoje compõe grande parte dos currículos escolares, porém, quando se analisa as inferências das relações de gênero no campo político e econômico especialmente nas relações do mercado de trabalho percebem-se as muitas imbricações que esta temática está sujeita na atual conjuntura.

Os estudos de gênero segundo Ferreira (2010, p. 4) têm contribuído para compreender que a exclusão das mulheres é uma construção social e histórica, pensada, elaborada e colocada em prática na sociedade através de vários mecanismos entre os quais a educação, a política, a religião.

Esses estudos objetivam desvendar formas de submissão das mulheres em diversos contextos, entre os quais o do mundo do trabalho no qual as mulheres estão em geral associadas a profissões de pouco demanda e em grande parte associadas a salários mais baixos, é o caso, por exemplo, das empregadas domésticas e das professoras. Nas profissões de nível superior os estudos de gênero têm demonstrado as dificuldades das mulheres de competirem no mercado de trabalho em igualdade de condições com os homens, nesta situação as relações de poder tem sido um fator preponderante na definição de cargos de direção em que as mulheres estão em grande parte sendo gerenciadas por homens.

Na profissão de bibliotecário as relações de gênero pode ser observado em algumas instituições em que há maioria de bibliotecárias no quadro funcional, e estas são gerenciadas por homens. Se isso tem gerado conflitos em geral é despercebido. Fato semelhante é observado na profissão de magistério quando muitas escolas são gerenciadas por homens em uma profissão predominantemente feminina. Estes fatos têm sido pouco debatidos



nos contextos destas profissões dados a falta de compreensão da questão de gênero, uma vez que são processos naturalizados daí não serem vistos como problema entre essas categorias de trabalhadoras.



3 RELAÇÕES DE GÊNERO E CLASSE NA BIBLIOTECONOMIA NO MARANHÃO

Ao analisar os dados da pesquisa nota-se que a amostragem em questão, tem predominância de gênero, onde cerca de 82,75% são mulheres, e 17,24% são homens, o que revela que a Biblioteconomia é um campo de trabalho ocupado em sua maioria por mulheres. Observa-se que este fenômeno não é somente do estado do Maranhão em todos os estados brasileiros predomina o feminino na profissão bibliotecária. Para compreender a emergência das mulheres na Biblioteconomia, Ferreira (2010) enfatiza que este se explica devido o aumento da entrada da mulher no mercado de trabalho, dado o tipo de atividades desenvolvidas nas instituições biblioteconômicas e dado à segmentação em que as mulheres vêm sofrendo pelas relações de gênero conforme comenta Kon (2002):

[...] tem raízes profundas na divisão do trabalho segundo o gênero tanto historicamente nas sociedades antigas quanto modernas [...] à medida que a mulher aumenta sua participação na força de trabalho esta ampliação vem se verificando tanto em ocupações ditas femininas como nas tradicionalmente ditas masculinas.

Para Ferreira (2003; 2010) este fenômeno na Biblioteconomia está relacionado a várias profissões, entre as quais destacamos a enfermagem, assistente social e a biblioteconomia, considerado profissões femininas, dada a emergência de mulheres neste campo de atuação. Além disso, segundo Ferreira (2003) as profissões femininas tem dificuldade de se impor no mundo do trabalho, dada o pouco reconhecimento pela sociedade, são profissões em que as mulheres têm que provar permanentemente que são competentes para inserir-se neste mercado desigual. Na pesquisa, porém, verificou-se mediante amostra que a maioria das (os) bibliotecários não vê na sua condição de mulher a imagem que se tem da Biblioteconomia bem como sua pouca valorização. Isso apenas reforça o acima mencionado: as bibliotecárias maranhenses não conseguem perceber como as relações de gênero e poder perpassam o mundo do trabalho, traduzido em relações desiguais de oportunidades, em salários baixos e no pouco reconhecimento da profissão.

Ao analisar as relações de classe observa-se a partir dos dados que as/os bibliotecárias/os do Maranhão trabalham em média 40 horas semanais, o que corresponde a 72 % dos profissionais entrevistados (Figura 1), onde os quais em sua maioria têm uma média



salarial que varia entre 1 a 3 salários mínimos com percentual de 48 % dos entrevistados (Figura 2).

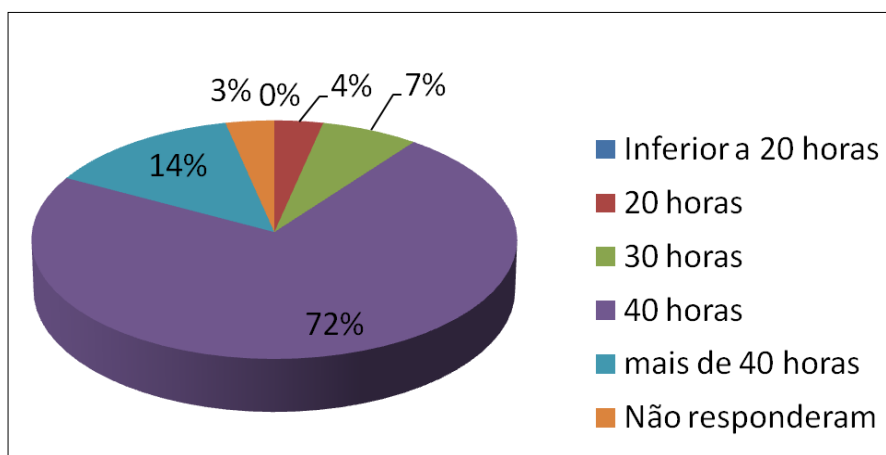


Figura 1: Jornada de trabalho semanais dos bibliotecários do estado do Maranhão

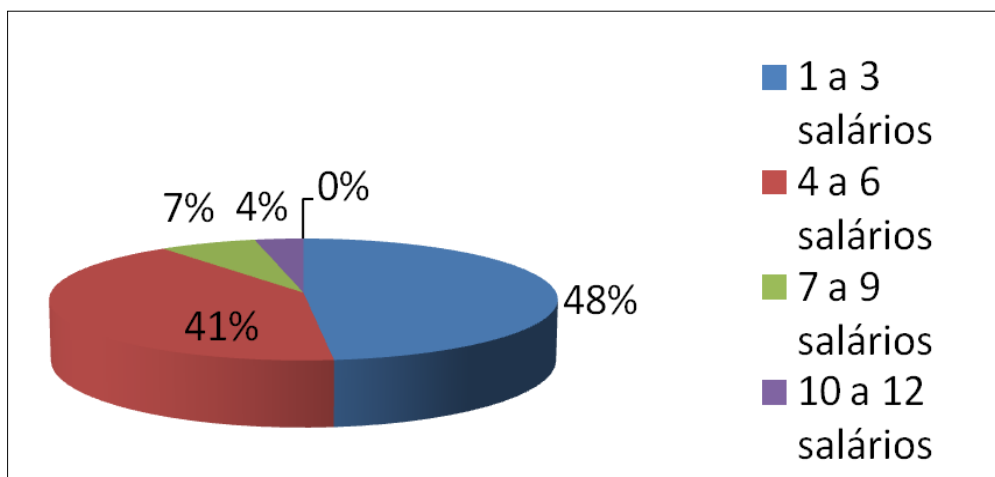
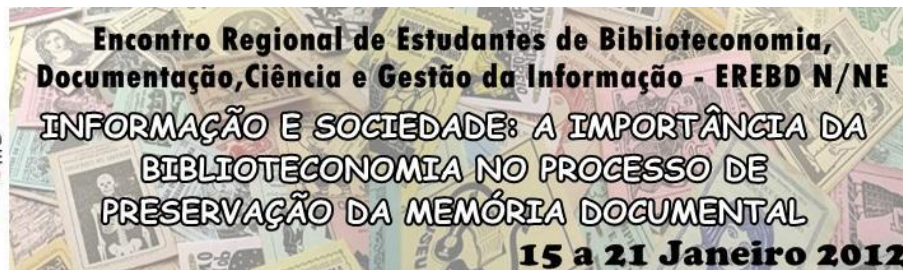


Figura 2: Média salarial mensal dos profissionais bibliotecários do estado do Maranhão

Ao analisar comparativamente horas semanais trabalhadas e salários base dos bibliotecários do Maranhão com alguns estados brasileiros (Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul) a partir de dados coletados em sites dos sindicatos de biblioteconomia desses estados, percebe-se que o estado do Maranhão possui uma média salarial baixíssima, muito inferior aos estados mencionados (Figura 3). Esses dados refletem a situação de pobreza deste Estado já que os salários são parte da economia que incide sobre emprego e renda que traduz por sua vez a situação do Maranhão. Nesse contexto, observamos que há muitos anos esse



estado permanece nos últimos lugares nos indicadores de desenvolvimento econômico e social. Tudo isso decorrente da falta de investimentos em políticas de educação, trabalho, cultura, ciência e tecnologia.

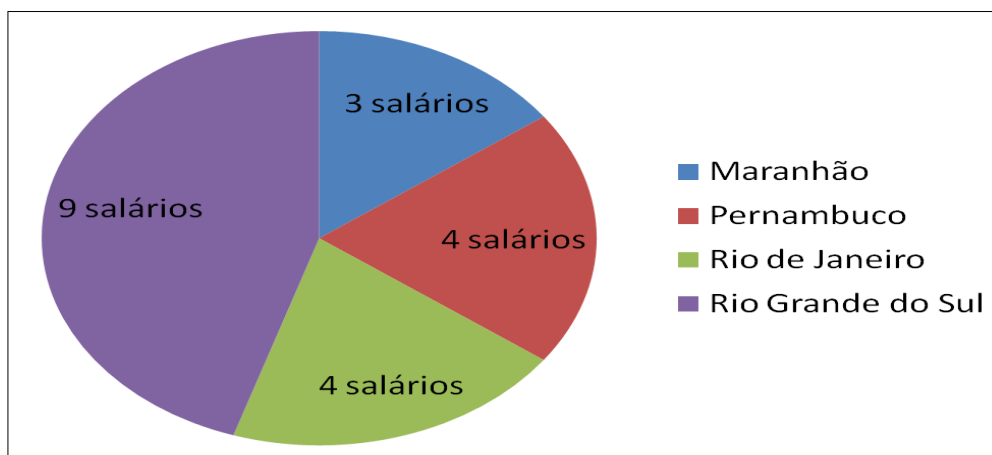


Figura 3: Salário base de alguns estados brasileiros, para uma jornada de trabalho de 40 horas semanais.

Os dados desnudam uma situação das mais graves tendo em vista os baixíssimos salários percebidos pelos bibliotecários o que se subentende que esses profissionais se enquadram entre os profissionais mais mal remunerados entre as diversas categorias de nível superior.

Na visão de Marx o valor da força de trabalho deveria ser igual ao valor das necessidades de cada trabalhador a fim de garantir sua subsistência, ou seja, o salário que cada trabalhador recebe ao final de trinta dias de trabalho deveria cobrir suas necessidades de morar, vestir, alimentar, se divertir e até sonhar. O que se percebe, porém, é que o salário da maior parte das/os trabalhadoras/es bibliotecárias/os não garante sua sobrevivência, ou seja, o salário pago não lhe garante o mínimo necessário para viver com dignidade. Os dados apontam que grande parte dos salários das/os bibliotecárias/os são indignos e injustos.

Os dados revelam ainda a necessidade de discutir o problema e avaliar o porquê das/os bibliotecárias/os se submeterem a condições de salários tão degradantes. Essa questão leva a urgência de instaurar o debate junto aos órgãos de classe a partir de iniciativas que leve o profissional a refletir coletivamente o problema a partir de iniciativas dos órgãos de classe com ações efetivas para ampliar e melhorar as condições de trabalho para os bibliotecários



maranhenses para que os mesmos possam atuar de forma política e transformadora a fim de contribuir para que a sociedade possa através da informação se apropriar de conhecimentos. Agindo, portanto, como verdadeiros profissionais comprometidos com a disseminação do conhecimento.

Neste debate há também de se verificar a existência de conflitos e de como estes interferem no exercício profissional. Agregam-se a esse problema as alterações ocorridas no mundo do trabalho e as mudanças ocorridas com a exigência do enxugamento do Estado que interferiu na presença do profissional bibliotecário na oferta de serviços públicos entre os quais o da informação. É certo que alterações no padrão de emprego no setor público, fez emergir a terceirização de serviços, e com ele os salários aviltantes, porém, a pouca demanda pelo campo da informação não tem refletido neste campo. De certa maneira a profissão de bibliotecário mantém-se ligada ao setor público. A pouca oferta de concurso público pelo estado e municípios explica em grande parte a falta de mercados.



4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa em fase de conclusão apresenta os resultados parciais do projeto Mercado de trabalho para os profissionais da informação (bibliotecários) no Maranhão, desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Com esta pesquisa foi possível conhecer as implicações político-econômicas que permeiam a atuação do bibliotecário no mercado atual. A partir dos instrumentos de coleta de dados (questionários) aplicados aos profissionais Bibliotecários do Estado, podemos constatar, previamente, que na Biblioteconomia ainda persistem antigos problemas como: desigualdade entre classes, especialização das funções, relação de gêneros e principalmente a notória ausência das entidades de classes para a efetiva consolidação deste profissional, em relação ao seu piso salarial. Diante desta realidade tão significativa, pôde-se verificar que mudanças são necessárias não só na postura de cada profissional como também em iniciativas de ações efetivas para ampliar o quadro de bibliotecários em polos de trabalhos destinados a esses no mercado de trabalho maranhense para que os mesmos possam atuar de forma transformadora na sociedade na qual estão inseridos, agindo, portanto, como verdadeiros profissionais comprometidos com a disseminação do conhecimento.



REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS DE PERNAMBUCO. Disponível em: <<http://www.apbpe.org.br/v2/>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

ASSOCIAÇÃO RIO-GRANDENSE DE BIBLIOTECÁRIOS. Disponível em: <<http://arb.org.br/cursosereventos.php>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

CAMARGO, J. M. Globalização e mercado de trabalho. Acesso em: <http://www.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt_016d.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2011.

CAMPOS, Wellington José. **A Teoria Marxista do Estado e das Classes Sociais**, 2007. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/1190/1/A-Teoria-Marxista-E-As-ClassesSociais/pagina1.html#ixzz1KYT7wMa3>>. Acesso em: 18 dez. 2011

COLMAN, Evaristo; POLA, Karina Dala. **Trabalho em Marx e serviço social**, 2009. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br/pdf/2009/2009_2/Artigo%20evaristo.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2011.

DIÉGUEZ, Silva. O que é classe social?. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.sinprorp.org.br/clipping/2008/081.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo de trabalho e as relações de gênero. **Rev. Transinformação**, Campinas, 2003, p. 189-201.

_____. Profissões femininas e profissões masculinas: o que é ser bibliotecário em um universo de uma profissão feminina? In: ENCONTRO LATINOAMERICANO DE BIBLIOTECÁRIOS E ARCHIVISTAS Y MUSEOLÓGOS. Disponível em: <<http://ebam.gesbi.com.ar/reservorio10/ponencias2EBAM/2EBAM-E4-P2a.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2011.

IANNI, Otávio. A produção da sociedade. In: _____. **Marx: sociologia**. São Paulo, 6. ed., 1988, p.43-98.

KON, Anita. **Qualificação e trabalho**: atributos de gênero e segmentação no Brasil. Disponível em: <http://200.130.7.5/spmu/estudos_pesquisas/estudos/qualificacao_trabalho_genero>. Acesso em: 18 dez. 2011.

MARX, Karl. **O Capital: crítica à economia política**: o processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994

SINDICATO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <<http://www.sindibrj.org.br>>. Acesso em: 18 dez. 2011.